



As caixinhas já não nos cabem mais: a fragilidade do binarismo de gênero nos poemas de Marcelino Freire e Letícia Féres

Ana Valéria Goulart dos Santos¹

Resumo: No ano de 2019, presenciamos muitas falas de representantes políticos extremamente problemáticas, principalmente quando nos remetemos aos direitos individuais de cada ser humano. Algumas não foram levadas a sério, outras viraram piadas, ou foram fortemente rebatidas. Uma em especial, a fala da ministra Damares Alves, sobre meninas usarem rosa, e meninos, azul, suscitou as três alternativas anteriores, além de uma série de produções artísticas. Este trabalho visa analisar dois poemas da coletânea *A Resistência dos Vagalumes* (2019), que se propõem a questionar o binarismo de cores atrelado ao binarismo de gênero e sua prescrição de conduta adequada a cada um desses opostos, pois assim são entendidos. Utilizaremos como base teórica os estudos de gênero, sob a perspectiva de Joan Scott (2019), Tereza de Lauretis (2019) e Judith Butler (2019).

Palavras-chave: literatura brasileira, literatura contemporânea; estudos de gênero.

Resumen: En el año de 2019, presenciamos muchos discursos de representantes políticos extremamente problemáticas, principalmente cuando nos remetemos a los derechos individuales de cada ser humano. Algunas no fueron tomadas en serio, otras se convirtieron en chistes, o fueron fuertemente rebatidas, una en especial, el discurso de la ministra Damares Alves, sobre las chicas vestir de rosado y los chicos, azul, levantaron las tres alternativas anteriores, además de una serie de producciones artísticas. Este artículo, pretende, por lo tanto, analizar dos poemas de la colección *A Resistência dos Vagalumes* (2019), que se proponen a cuestionar el binarismo de colores relacionada al binarismo de género y su prescripción de conducta adecuada a cada uno de estos dos opuestos, pues así son entendidos. Utilizaremos como base teórica para la discusión de género, los estudios con la mirada de Joan Scott (2019), Tereza de Lauretis (2019) e Judith Butler (2019).

Palabras-clave: literatura brasileña; literatura contemporánea; estudios de género.

A literatura como lugar de crítica da realidade

Lançada em 2019, pela editora Nos, a coletânea *A Resistência dos Vagalumes*, reúne escritos de várias autoras(es) brasileiras (os). Ao total são 61 textos, divididos entre contos, minicontos e poemas que tentam dar conta da pluralidade das existências LGBTTQIA+. A antologia traz consigo uma representatividade muito positiva, pois além de jogar luz aos assuntos, por meio das escritoras(es) e dos textos, a qualidade da literatura produzida é inquestionável. Alguns dos nomes já são conhecidos do grande público, como Marcelino Freire, Natalia Borges Polesso, Glauco Matoso, Jean Wyllys, Cidinha da Silva e Amara Moira. Para este artigo, trago dois poemas que tratam criticamente da divisão binária que a sociedade atrelou a homens e mulheres em relação às cores rosa e azul. Ao ter acesso a essa obra literária, percebi como a produção de uma fala preconceituosa vinda de alguém com grande exposição na mídia, como no caso da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, impactou a sociedade. Este ocorrido gerou muita revolta, protestos de vários tipos,

¹ Graduação em Letras Português, Espanhol e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Pampa (2018). Mestranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

bem como piadas de cunho ofensivos ou críticos. Muitos afirmavam ser “cortina de fumaça”, um termo que passou a ser muito utilizado nestes últimos tempos. Outros afirmavam que isso era muito problemático, e, atrelado ao histórico de violências do período eleitoral em 2018, certamente geraria mais intolerância, uma vez que a fala produzida pela ministra não tratava simplesmente sobre cores de roupas adequadas para crianças vestirem. Mas, profundamente, trata de uma ideologia patriarcal, que funda nossa sociedade, e pretende deixar bem evidente que existe uma linha divisória de direitos e deveres a serem desempenhados por cada papel de gênero, homens e mulheres. Como, num exemplo simples, força, atrelada ao azul, ao homem e a masculinidade. E delicadeza, relacionada ao rosa, a mulher e a feminilidade. Além disso, a fala marca uma posição defensora da ideia de que a linha descrita acima não pode ser cruzada ou flexibilizada. Ou seja, ataca a existência de pessoas não-binárias, pessoas trans, ou pessoas que não seguem os estereótipos de gêneros.

Explicando o ocorrido, no dia 02 de janeiro de 2019, a advogada e pastora evangélica Damares Alves tomou posse do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, anteriormente nomeado de Ministério dos Direitos Humanos. A ministra, em vídeo amador, não se sabe se após ou antes da cerimônia, aparece falando euforicamente a famosa frase “menino veste azul e menina veste rosa”. Isso, logo após afirmar que uma nova era estava sendo iniciada no Brasil. Vale lembrar, ainda, que na cerimônia transmitida para o público nacional, Damares Alves afirmou que as meninas seriam tratadas como princesas, e os meninos se portariam como príncipes. Também disse que o estado até poderia ser laico, mas que ela era cristã. Como repercussão, surgiram muitas formas diferentes de manifestações, as piadas, reportagens e postagens em redes sociais, discutindo, explicando e desconstruindo essa ideia. Também foram geradas algumas produções artísticas; na antologia *A Resistência dos vagalumes* (2019), encontramos várias dessas produções.

Para tanto, trago os poemas “disciplina”, de Leticia Féres, e “diz aí”, de Marcelino Freire. Problematizarei a questão da expectativa de gênero e como isso está intrincado com um padrão pré-existente que está desmoronando por não ser coerente. Em contrapartida, há grupos de pessoas que de toda e qualquer forma tentam reforçar estes mesmos padrões, para assim, ter controle sobre corpos e mentes. Certamente este não é um debate atual, mas o que o faz ser singular é a situação histórica que estamos presenciando. Entendo que essa



desconstrução seja de extrema importância para a nossa sociedade que está passando por um período conservador e retrógrado. Não podemos cercear liberdades, desde que elas não firam outras existências, há espaço para todo tipo de gente e todo tipo de produção intelectual. Também não é por acaso que houve muitas produções literárias em relação a essa temática, é sabido que em períodos de ameaças às liberdades é quando surgem muitas expressões artísticas, pois façam, fisicamente o que fizerem, nossas mentes continuarão livres.

Marcelino Freire é um escritor brasileiro, de 52 anos. Nasceu no interior do Estado de Pernambuco, morou no Recife, e hoje reside em São Paulo. Um de seus livros mais conhecidos, *Contos Negreiros*, foi publicado pela editora Record em 2006, ganhou o prêmio Jabuti e foi traduzido para outros idiomas. Marcelino possui uma escrita muito poética sobre as realidades perversas vivenciadas por pessoas marginalizadas pela sociedade. Leticia Féres, poeta, nasceu em 1979 em Minas Gerais, e reside no Rio de Janeiro. É autora dos livros *Há o desastre que não nos olha* (2018), *Da estranheza das coisas*, *Meus piores poemas* (2013), *A cortina, o tapete, a menina* (2016), *Como vai ser este verão, querida?* (2016), *E outros poemas* (2018); também escreve na plataforma digital Medium.

Os poemas

Reproduz-se o poema “Diz aí”, de Marcelino Freire²:

Quem disse que eu sou branco?

Um bicho?

Um santo?

Quem disse que eu sou Deus?

Quem disse que eu sou
crente?

Gente? O diabo a quatro?

Quem disse que eu sou ateu?

Judeu?

Nissei?

Másculo? Magro?

Gordo? Safo?

Hétero? Gay?

Um pobre? Nobre?

O dono da própria
sorte?

Quem disse que sou eu quem pode?

² FREIRE, Marcelino. Diz aí. In: JUDAR, C; RABELO, A. (org). *A Resistência dos Vagalumes*. São Paulo: Editora Nós, 2019, p. 155-158.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Que assim eu chego lá?
No alto?
Quem disse que eu tenho algo?
Rim? Pulmão?
Régua? Esquadro?
Quem disse que a Bahia
me deu compasso?
E se foi Juazeiro do Norte?
E se eu fui parido em
Tocantins?
Um dos muitos querubins?
O anjo da morte?
O único da tribo?
Índio? Indígena?
Ceci? Cis?
Bi? Binário? Não Binário?
Quem disse que eu sou flor
que se cheire?
Um rei? Um rato?
Dos males serei o melhor?
O pior dos condenados?
Quem disse que eu sou
ativista?
Desde quando
Lutamos pela mesma causa?
Parda? Negra?
Bandeiras ao vento
a perder de vista?
Quem disse que sou
mágico? Artista?
E se eu não souber quem sou?
Quem será que me criou?
Qual a cor do meu cabelo?
Quem eu disse que estou
novinho em folha?
E se eu me sinto velho
desde sempre
dentro de uma bolha?
Punk?
E se eu não aparentar a idade
que eu tenho?
Quando viajo de metro
será que vou ou venho?
Entre o trem e a plataforma
no que será que eu penso?
Zen?
Em nada? Em ninguém?
Axé? salve?
Sarava? Amém?
Quem entendera o meu
espírito?
E se eu estiver atrasado
para o nosso compromisso?
Deixarei por isso



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

de amar o meu país?
E se eu estiver por um triz?
E se eu quiser fugir da luta?
Você ficará puto? Puta?
Como você me chama?
Há lugar para mim
na sua cama?
E se eu mudei de sexo?
E se eu não levo em conta
entre as coxas bambas
o que eu carrego?
Quem disse que sou bom
no que faço?
Quando fico de quatro
o que eu sou?
No quarto fechado
por que não há de ser livre
o meu amor?
Qual a minha dor?
Qual a minha delícia?
Qual o certo?
E o errado?
Quem me julgará?
Quanto custará o pecado
a ser pago?
O que será de mim
No fim do mundo
quando o futuro chegar?
Onde foi parar
o meu humor?
Foi você quem me roubou?
Estarei louco? Louca?
Diante deste espelho
quem você acha que eu sou?
Uma alma feliz?
Infeliz?
Quem diz de mim
não sabe o que diz.

E “Disciplina”, de Letícia Féres³:

a criança, o papel, o giz de cera
três, quatro anos

o som da porta
a professora sai

é tudo do que se lembra
antes da queda
antes dos gritos promovidos pelas marcas de botas

³ FÉRES, Letícia. Disciplina. In: JUDAR, C; RABELO, A. (org). *A Resistência dos Vagalumes*. São Paulo: Editora Nós, 2019, p. 153-154



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

ortopé ortopé

tão bonitinhas as mocinhas
tão corajosas os varões

tão delicadinhas
tão brigões

nossos pepinos entortados

nossas abelhas-rainhas
nossos zangões

nosso azul da Prússia
nossa rosa de Hiroshima

matizes monocromáticos
prismas bicolores
pães bolorentos
rendimento de cópulas mesmerizadas
souvenires de uma guerra
em que gênero é general

calçados
coturnos camuflados
em tons pastéis

rompem
cabeças e ossos e nomes
de outrem, de outras, de outros
afastados do pacto
terrífico e familiar

pregam a morte
em nome de deus
em nome deles,
pai

o sinal do recreio desfaz o formigueiro

no canto esquerdo da sala de aula
um caracol
a criança no chão a ponto de um desmaio

As formas poéticas e o desabafo das consequências físicas e psicológicas do binarismo de gênero

Marcelino Freire, em seu poema intitulado “diz aí”, rompe com as estruturas, tornando inexistentes as estrofes. Constrói versos curtos, e alguns curtíssimos, de até uma palavra, e ainda assim, ao ler, percebemos uma cadência, movida pelas rimas, que também não seguem



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

padrões. Mas se nos lembrarmos da questão oral que o poeta traz para suas composições, podemos depreender que a falta de estrofes pode ser um sinal para o encadeamento de uma fala diretamente na outra, sem pausas longas, o que poderia nos remeter a um pensamento acelerado, fruto de tantos questionamentos e dúvidas. Bem como os versos curtíssimos, de uma palavra, nos direcionam a um entendimento de ponderação sobre os próprios questionamentos, o que geraria uma lentidão no pensamento, logo, na fala também. O eu-lírico se questiona o tempo todo quem disse o que sobre ele. O que pode nos remeter que ele está em interlocução com quem o lê, ou questionando quem o descreveu, sem realmente saber quem ele é. Mais adiante, no decorrer do poema podemos compreender que nem o eu-lírico sabe exatamente quem ou como é. E, por isso, se nem ele consegue se definir, como outro alguém poderia falar sobre ele com tanta propriedade? Quando no poema aparece “Quem disse que eu sou ativista? / Desde quando lutamos pela mesma causa?” Podemos compreender, pelo emprego do “lutamos”, que talvez este interlocutor seja ao mesmo tempo quem presumidamente faz suposições sobre o eu-lírico.

Percebemos também algumas menções à sua identidade de gênero e orientação sexual quando ele nos fala “Cecí? Cis? / Bi? / Binário? / Não Binário?”. E mais à frente vemos uma menção à sexualidade e à identidade de gênero de forma mais elucidada do que a anterior, “como você me chama?”, fazendo provavelmente referência ao nome social e ao pronome de tratamento, coisas comuns ao cotidiano de uma pessoa trans, ou não-binária. “E se eu mudei de sexo? / e se eu não levo em conta / entre as coxas bambas / o que carrego?”: aqui podemos pensar sobre o eu-lírico poder ser transexual ou uma pessoa não-binária. A questão é que agora ele sabe quem é, ainda que com ponderações. Mas é diferente de antes quando havia apenas o questionamento sobre ser cis ou binário. “Quem disse que eu sou bom / no que eu faço? / Quando fico de quatro / o que eu sou? / No quarto fechado / por que não há de ser livre / o meu amor? / Qual a minha dor? / Qual a minha delícia?” Nestes trechos podemos reconhecer o dilema de somente poder viver plenamente seu amor ou quem se é dentro de um quarto fechado. Isso se passa com muitas pessoas não-cisgêneras, mas também com pessoas não-heterossexuais, e provavelmente somado também a pessoas não-brancas, pois anteriormente, no poema, temos passagens relativas à afirmação sobre cor de pele.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Nesta mesma estrofe temos menção ao julgamento alheio “Qual o certo? E o errado? / Quem me julgará? / Quanto custará o pecado / a ser pago?”. E continua com a questão do auto-reconhecimento identitário e o reconhecimento de quem o vê: “Estarei Louco? Louca? / Diante do espelho / quem você acha que eu sou?”. E termina afirmando que “quem diz de mim / não sabe o que diz.”. O que nos leva a entender que já existe uma noção de identidade firmada, pois é necessário primeiramente que o eu-lírico tenha certeza de quem e/ou como ele é, para posteriormente, haver essa afirmação sobre o equívoco pela parte de quem o descreve.

Partindo para o poema de Leticia Féres, em “disciplina”, temos novamente uma estruturação não muito vista, pois, em sua maioria, o poema é composto por estrofes de um único verso, monósticos, e de dois versos, dísticos. Além disso, a letra minúscula é utilizada todo o tempo, e como o poema versa sobre a vivência de uma criança, poderíamos denotar que essa utilização foi proposital, para remeter a essa fase da infância. Porém, essa hipótese se descarta ao constatarmos que não há nenhum tipo de erro ortográfico, que poderia ser feito por uma criança. Em resumo, o poema fala de um episódio único, a violência sofrida por uma criança pelos seus colegas de escola. Inicia remetendo a este universo infantil com algumas palavras desse cotidiano, e especula a idade delas, cerca de 3 ou 4 anos. Depois, descreve a cena da professora saindo da sala de aula, o que desencadeia todo o restante de acontecimentos.

O eu-lírico do poema parece saber de tudo, sem se envolver em nada, pois afirma que a criança não recorda de mais nada depois do fechar da porta; ao final do poema, entenderemos o motivo. Relata-nos o momento no qual a criança cai no chão, ao som de gritos, que segundo ela são “promovidos pelas marcas das botas”. Sabemos que botas não produzem gritos, e entendemos que isso remete à euforia daquelas crianças, ao chutar uma outra. Uma imagem muito violenta, construída com palavras amenizadoras; depois disso, segue-se a escrita dupla de uma marca de calçados infantis. E nas duas estrofes seguintes são ressaltadas as qualidades atreladas às crianças, em decorrência de seus gêneros, “bonitinhas e delicadinhas”, para as meninas, e “corajosos e brigões” para os meninos. Vale ressaltar que é empregada a palavra “varão”, para designar os meninos, um vocábulo comumente utilizado na Bíblia para falar dos homens. Nestas adjetivações, percebemos que são atrelados valores estéticos e comportamentais para as meninas, a utilização do diminutivo, também denota



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

fraqueza, inferioridade. Para os meninos, é utilizada a coragem, e acrescida a briga, no aumentativo, como se gostassem, ou fizessem isso o tempo todo, ou até mesmo essa atitude atribuísse poder a eles. Também podemos compreender que a briga é incentivada pelo excesso de coragem presente em todos os meninos.

As duas estrofes seguintes falam sobre os papéis sociais atrelados a homens e mulheres, estas com o dever de procriar e cuidar do bom andamento e equilíbrio do lar, como as abelhas-rainhas, e aqueles, sendo os procriadores, como os zangões. É citada a cor azul da Prússia, um tom muito forte, e rosa de Hiroshima, que não chega a ser cor, mas um poema escrito por Vinícius de Moraes, em 1946, que nos fala sobre as terríveis heranças da bomba atômica que bombardeou tal cidade no ano anterior, deixando milhares de pessoas mortas ou com sequelas permanentes. Bem como o poema de Vinícius de Moraes, podemos compreender que terrível também é o futuro de todas as mulheres, quando pensamos na herança do patriarcado. Pois também morremos, ou sofremos com as sequelas da violência física, moral, emocional, psicológica ou financeira. As cores aqui são apenas duas, e já sabemos quais são, “matizes monocromáticas”, o rosa é apenas rosa e o azul, apenas azul. O prisma que deveria resultar em um arco-íris se transforma em bicolor, “prismas bicolores”. O gênero é posto como o comandante de todo este esquema que gera violências, inclusive a que a criança está sofrendo na escola, “[...] uma guerra/em que gênero é general”.

O poema se encerra, contando que “o sinal do recreio desfaz o formigueiro”. Esta última palavra remete a uma imagem na qual temos um aglomerado muito grande de crianças em cima de uma única, e aqui sabemos que não é por conta da cooperação, tal qual as formigas, mas, sim, por um episódio de violência. E temos finalmente a compreensão de tudo o que aconteceu, “no canto esquerdo da sala de aula/um caracol/a criança no chão a ponto de um desmaio”. Ficamos sabendo que a criança está isolada de toda a turma, e a imagem do caracol nos remete à proteção de si própria ao encolher-se, ou que ela simplesmente está nessa posição, sem forças de se movimentar, já que ela está quase inconsciente, devido aos tantos chutes que levou, como citado no início. É esse o motivo de não se recordar de nada depois da saída da professora da sala de aula. A criança ficou inconsciente, ou os chutes afetaram sua memória, ou ela pode até mesmo ter bloqueado essa lembrança dolorosa. Não é citado em nenhum momento o gênero desta criança, e poderíamos compreender que, talvez, ela não se



encaixe muito bem naquele gênero ao qual foi designada pela sociedade ao nascer, ou que talvez flutue entre um e outro. Esse poderia ter sido o motivo gerador de tal violência.

Onde fica a teoria no meio disso?

Como podemos perceber, os dois poemas possuem em comum a não afirmação de um único gênero, pois neste último, “Disciplina”, da Letícia Féres, é empregado o termo “criança”, e no primeiro, “Diz aí”, de Marcelino Freire, há uma flutuação entre o feminino e o masculino, colocando palavras ora em um, ora em outro. O poema de Marcelino é movido pela dúvida da existência, e protagonizado por uma pessoa adulta, visto suas vivências e elaborações de questionamentos. O poema de Letícia é movido pelo relato de um episódio de violência vivenciado por uma criança. Quando procuramos o vocábulo “gênero” no dicionário, sua primeira conotação é a classificação gramatical, ou seja, a separação, divisão e classificação de coisas entre o que é de origem masculina, e o que é de origem feminina. Joan Scott diz que a nossa relação com a gramática é,

ao mesmo tempo, explícita e cheia de possibilidades inexploradas. Explícita, porque o uso gramatical implica regras formais que decorrem da designação de masculino ou feminino; cheia de possibilidades inexploradas porque em vários idiomas indo-europeus existe uma terceira categoria – o “sexo indefinido ou neutro”. Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados. (SCOTT, 2019, p.50)

Ao ocorrer a quebra desse paradigma, masculino *versus* feminino, muita incerteza e raiva, dois sentimentos motores dos poemas analisados, são gerados. Tudo isso, infelizmente, é fruto da ignorância. Uma segunda conotação “se interliga com sexo, mas quando verificada a origem românica, isso não se aplica, bem como a palavra, em algumas línguas é designada para a arte, mas atualmente está sendo esvaziada de seu sentido, para se atrelar a sexo” (LAURETIS, 2019, p.125). Gênero seria, portanto, segundo Lauretis (2019, p.125), “uma classificação de pertencimento a determinada classe, (ou grupo)”. E isso tem muito significado na nossa sociedade, pois o pertencimento a um ou outro grupo determina significados na vida do indivíduo, tais como valorização, respeito, prestígio, papéis a serem desempenhados dentro de uma família e no mercado de trabalho, ações adequadas.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Teresa de Lauretis afirma que o “o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos” (2019, p.123), mas uma construção social muito complexa, a qual todas(os) nós estamos submetidos. A autora enumera e descreve especificações sobre o que o gênero seria, e como uma especificação está interligada a autora, da mesma forma como sua existência e significado são co-dependentes. Resumindo: 1- gênero é representação; 2- representação é construção; 3- construção se dá em espaços públicos e privados; e 3- a construção de gênero ocorre também por meio de sua própria desconstrução. Para Scott, “gênero é o campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado” (2019, p. 69). Segundo a autora (2019, p. 67-68), o gênero, se estabelece, primariamente, a partir das diferenças sexuais, e elenca mais quatro aspectos que implicam a significação do gênero, que seriam:

- 1- Símbolos culturalmente disponíveis: Eva, Maria, luz, purificação, inocência, simbolizam mulheres, enquanto os opostos simbolizam o masculino;
- 2- conceitos normativos que interpretam os símbolos que servem para cercar a possibilidade de pluralidade metafórica. São conceitos difundidos pela igreja, educação, ciência, política ou direito. Definem o que é o feminino e o que é o masculino sem margem de dúvidas;
- 3- Há uma tentativa de fixar e enrijecer para que não haja de forma alguma mudança em como enxergamos os gêneros. Há uma aparente permanência eterna e estática dessas representações. O feminismo tenta desconstruir isso;
- 4- Identidades subjetivas de gênero. Estabelecidas como “um conjunto objetivo de referências, o conceito de gênero estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda vida social” (SCOTT, 2019, p. 70).

Já Butler (2019, p. 214), afirma que tudo isso é uma questão de performance, que o gênero se estabelece por meio de uma linearidade de atos e que, dessa maneira, seria a ilusão de uma essência, que em realidade não existe. Pois, fundamentalmente, não existe nada que obrigue o gênero feminino ser atrelado, necessariamente à mulher. Sendo tudo construção já arraigada no inconsciente da sociedade, as pessoas passam a “performar”, palavra utilizada pela pensadora, sem questionar o motivo substancial disso, pois “aquilo que é entendido como identidade de gênero é uma performance apoiada em sanções sociais e tabus”. (BUTLER,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

2019, p.214). E que “ser fêmea não quer dizer nada, mas ser mulher significa que o sujeito assimilou e performa as possibilidades que caracterizam uma mulher.” (BUTLER, 2019, p. 217). Aprendemos isso desde que começamos a tomar consciência, mas a questão do gênero nos é designada desde antes do nascimento, quando, ao se descobrir o sexo da criança, já se designa nome, cores e padrões comportamentais esperados. Crianças aprendem o positivo e o negativo relativo ao gênero com as formas com que “as sociedades representam o gênero e o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido de experiência. Sem o sentido, não há experiência; e sem processo de significação, não há sentido” (SCOTT, 2019, p. 61). Ou seja, a identidade de gênero depende não apenas de um acordo tácito socialmente estabelecido, mas também o seu cumprimento, por meio de repetições contínuas. E a “transformação do gênero está na relação arbitrária entre eles, na possibilidade do surgimento de um novo padrão ou um rompimento, subversão do existente”. (BUTLER, 2019, p.214).

O binarismo só existe enquanto houver o fomento da oposição “masculino *versus* feminino”, não deixando espaço para aqueles que não se enquadram exatamente em nenhum deles. E quando isso ocorre, como dito, surge um novo tipo, podemos dar o exemplo de pessoas não-binárias, que, mesmo não se encaixando nos padrões existentes, passaram, não intencionalmente, a criar um novo, pois “ideias de gênero reificadas e naturalizadas podem ser entendidas como construções e, assim, serem construídas de outras formas” (BUTLER, 2019, p.214). Butler, defende que, por ser atravessado pela cultura e sociedade, o corpo é histórico, e não natural. E o status de performance poderia então questionar e mudar o gênero e sua construção. Claro que isso não é bem visto pela maior parcela da sociedade, e acaba por gerar diversos tipos de preconceitos, como os interpretados pelos poemas selecionados neste trabalho. Pois quando não performamos o que se tem de expectativa do gênero no qual fomos enquadrados, somos punidos pela sociedade. Um exemplo muito cruel é o estupro corretivo que algumas mulheres lésbicas sofrem, pois os estupradores têm por objetivo “ensinar a mulher a gostar de homem”. Isso é uma prova de que há um acordo tácito entre a sociedade para a existência e manutenção do sistema binário de gênero. Sobre isso, Scott traz uma reflexão muito pertinente:

Não é a sexualidade que produz fantasmas na sociedade, mas sobretudo a sociedade que fantasma, na sexualidade, o corpo. As diferenças entre os corpos, que são



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

ligadas ao sexo, são constantemente solicitadas para testemunhar as relações e os fenômenos sociais que não têm nada a ver com a sexualidade. Não só testemunhar, mas testemunhar a favor, isto é, legitimar. (GODELIER, 1981, p. 17 apud SCOTT, 2019, p. 70)

Com relação à uma nova visão sobre tudo isso, Butler termina seu artigo, propondo a reescritura desses gêneros de acordo com a multiplicidade de expressões:

uma genealogia crítica dos gêneros, na minha opinião, deve se apoiar em um conjunto fenomenológico de pressuposições, sendo mais importante o conceito expandido de um “ato”, que é socialmente compartilhado e historicamente formado, além de performático, como descrevi anteriormente. Essa genealogia deve ser suplementada por uma política de atos performáticos de gênero, que reescreva identidades de gênero existentes e ofereça uma perspectiva sobre o tipo de realidade de gênero necessário. Tal reescritura precisa expor as reificações que tacitamente funcionam como identidades de gênero essenciais, e iluminar os atos e as estratégias de não reconhecimento que formam e disfarçam as maneiras como vivemos os gêneros. Essa prescrição é invariavelmente complicada, uma vez que exige que pensemos um mundo no qual atos, gestos, o corpo que está a vista, o corpo vestido, os diferentes atributos físicos usualmente associados a gêneros passem a expressar nada. De certa maneira, essa não é uma prescrição utópica e sim um imperativo para que reconheçamos a existência de uma complexidade de gênero, invariavelmente disfarçada pelo nosso vocabulário, e possamos trazer tal complexidade para a interação cultural dramática sem consequências punitivas. (BUTLER, 2019, p. 228)

Essa proposta é feita, visando o atual sistema que possuímos, a necessidade de enquadrar, classificar e nomear pessoas, para que assim possamos entender a elas e ao mundo. Mas em algum tempo do futuro nada mais disso será necessário; se continuarmos a lutar pela equidade e respeito, as pessoas poderão se sentir mais livres para serem, e nas palavras de Butler, performarem, o que mais lhes for verdadeiro. Acrescendo a esta perspectiva ampla, Scott afirma que

“homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas. (SCOTT, 2019, p.75)

Como já explicitado anteriormente, em nenhum dos dois poemas o masculino ou o feminino é vinculado de forma exata para os eu-líricos. Por conta disso, é que há o desenrolar de todos os acontecimentos dos poemas. Scott (2019, p. 62) escreve que o princípio de masculinidade implica a repressão de aspectos femininos e, por consequência, do potencial bissexual, bem como a repressão do masculino, com a afirmação do feminino. Esses desejos reprimidos são ameaças à estabilidade do sistema binário e da identificação de gênero,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

também já discutidos anteriormente. Sabemos que masculino e feminino não são categorias fixas, por isso, definir homem e mulher é complicado, pois no final, tudo não passa de construção social, que varia segundo contextos e que perpassa pela subjetividade de cada um. Por isso, existe essa multiplicidade de expressões de gênero, ou de expressões diferentes dentro de um mesmo gênero, mulher muito feminina e outra pouco, por exemplo.

Referências

ANACAONA. *Marcelino Freire, tout simplement brillant*. Disponível em: <<https://www.anacaona.fr/marcelino-freire-3/>>. Acesso em: 08 mar 2020.

BORGES, André. 'Fiz uma metáfora contra ideologia de gênero', diz Damares Alves sobre vídeo. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares-alves,70002665826>>. Acesso em: 10 jan 2020.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 213-230.

JUDAR, C; RABELO, A. (org). *A Resistência dos Vagalumes*. São Paulo: Editora Nós, 2019.

KZA1. *O poema aparece como um espaço que o patriarcado jamais alcançará*. Disponível em: <<https://medium.com/kza1/o-poema-aparece-como-um-espaco-C3%A7o-que-o-patriarcado-jamais-alcan-C3%A7ar-C3%A1-1030ef407934>>. Acesso em: 08 mar 2020.

LAURETIS, Tereza. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 121-155.

OSSOS DO OFÍCIO. *Marcelino Freire*. Disponível em: <<https://marcelinofreire.wordpress.com/marcelino-freire/>>. Acesso em: 08 mar 2020.

PAINS, Clarissa. 'Menino veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves em vídeo. *O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>>. Acesso em: 10 jan 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 49-80.